



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

OUTONO MOÇAMBICANO UM RELATO DE VIAGEM

Fabiana Mendes de Souza
Universidade Estadual de Campinas
arabicam@gmail.com

Introdução

Quando fiz a proposta inicial desta apresentação, ainda não sabia ao certo se faria a minha primeira viagem a Maputo e, caso fizesse, não sabia se seria antes da minha participação no congresso em que a inscrevi. Por essa razão, havia feito um resumo dela em torno de um material que havia coletado com a finalidade de balizar posteriormente um trabalho de campo em Moçambique. Havia julgado como salutar travar algum contato com esse país que pretendia visitar com intenções etnográficas. À velha estratégia de ir aos livros juntei visitas freqüentes a sítios da internet, pelos quais buscava vislumbrar o meu destino de viagem. Procurei pontos de contato entre mim, a etnógrafa em potencial, e eles, os etnografados em projeto. Tinha de ser algo que viabilizasse um exercício de tradução, como os etnógrafos estavam habituados a fazer com instituições bastante disseminadas como casamento, navegação, comércio e outras. Como já estava informada por colegas vindos de lá, etnógrafos e intercambistas, de que as telenovelas brasileiras eram compradas pelas empresas moçambicanas de televisão, concentrei todo meu escasso tempo em garimpar aqui de longe um pouco da visão dos moçambicanos a respeito dos folhetins televisivos vindos do Brasil, algo que eu conhecia razoavelmente. Encontrei nas minhas visitas via internet, toda uma trama de discussões pós-coloniais esparramada pelas seções de cartas em periódicos moçambicanos, além de textos e mais textos saídos na blogosfera moçambicana. Era sobre isso que pretendia anteriormente discorrer nesta apresentação. Porém, as incertezas que me rondavam se dissiparam e pude ir a Moçambique antes da apresentação, então, é sobre essa primeira viagem que falarei.

A viagem

O último ano e meio tinha sido atribulado. Lidava com um carga de trabalho extra-acadêmico massacrante. Ao mesmo tempo, tinha em mãos um projeto de doutoramento que cobrava viagens ao exterior. Era um impasse. Começava a pensar em estudar algo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

no Brasil. Havia marcado minhas primeiras férias para maio deste ano. Mas não sabia se as tirava para descansar ou para trabalhar no doutorado. Por fim, graças a um incentivo alheio, resolvi por comprar passagens para Maputo e lá passaria todas as minhas férias a viabilizar parte do projeto e a descobrir se o mesmo era factível.

Após sobreviver as intempéries laborais, o mês de maio se aproximava. Com ele, vinham as questões logísticas básicas: vistos, cartas de apresentação, espera pelo passaporte carimbado, busca por hospedagem em conta. Já sabia que lá estaria só. Nenhum dos colegas etnógrafos estaria em trabalho de campo no mesmo período que eu. Meu companheiro não poderia fazer a viagem comigo pois também estaria a adiantar o próprio doutorado. Era isso: um salto solitário no desconhecido. Não vejo melhor definição para uma etnografia. Contudo, o cenário não era tão desolador. Os brasileiros que lá estiveram haviam deixado uma pequena mas sólida rede de contatos que eu poderia desfrutar. Alguns anos atrás, havia conhecido uma professora visitante moçambicana, da qual fiquei muito amiga, e ela seria meu porto seguro lá. Até aí, já havia acertado quase tudo. Ficaria em Maputo, capital do país. Já tinha hospedagem. E a minha amiga professora me buscaria no aeroporto.

A última sexta-feira de trabalho chegou. Dia de ansiedade. Depois de pegar um trem, um metrô e um ônibus, chegava no aeroporto de Guarulhos, acompanhada do meu companheiro. Dali em diante, estaria por conta. Depedimo-nos. E lá ia eu para 11 horas de viagem. Escala em Joanesburgo. Do pouco que vi, já quis passar um tempo ali na África do Sul. Algumas horas depois, embarquei num avião pequeno para Maputo. Viagem tranqüila e curta. Pousava enfim em Maputo.

Minha anfitriã já estava a me esperar. Do aeroporto até o centro da cidade, tive a impressão de percorrer uma distância bem curta. Eu estava (mal) acostumada a distâncias grandes de onde eu vinha. Pegamos um caminho que passava pelos bairros da periferia e chegava ao centro. Já estava escuro e não pude ver muito bem os locais por onde passávamos. Notei que as casas da periferia não eram muito diferentes das que tem aqui no Brasil. De cara o que me chamou mais atenção no entanto não foi o casario, mas sim a quantidade de carros nas ruas. Havia chegado durante o entardecer de sábado, portanto, só restava ir descansar no apartamento onde seria inquilina por 30 dias. Maputo teria de esperar.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Estava hospedada no 6º andar de um prédio antigo. Da sacada da sala eu avistava o Índico. No apartamento dava a ver reminiscências do passado colonial e sua hierarquia. Havia a entrada da criadagem e a entrada social que desembocava na sala de estar. Quando saí do Brasil, já levei na minha bagagem de mão etnográfica um interesse pela constituição da casa moçambicana. No domingo e na segunda-feira, conheci os usuários da entrada social. A partir daí, fui apresentada ao círculo de amigos íntimos da minha senhoria, que sempre me levava de companhia nos passeios dela ou me convidava para participar das reuniões no apartamento dela ou na casa de amigos. Nesses dois dias já me foram apresentados os petiscos preferidos do grupo, as bebidas de gosto de cada um e os dramas de cada história de vida. Impressionou-me a coesão do grupo, que a mim parecia uma grande família, cada um cuidando do outro e se envolvendo uns nos problemas dos outros.

A usuária da entrada de serviço não tardou em aparecer. Era a empregada da minha senhoria. Na manhã de segunda-feira, fomos apresentadas. Nenhuma conversa. Ela preparou o almoço, arrumou a casa, preparou-se para ir embora e partiu. Como fiquei bastante em casa nos primeiros dias, tive muitas oportunidades de me aproximar dela. Ainda que eu fosse apenas uma inquilina, ela tinha comigo a deferência que via entre ela e a minha senhoria. Não era do meu interesse manter essa distância social e assim fiz de tudo para romper essas amarras da etiqueta laboral. Quando consegui alguma proximidade, ela veio a ser uma figura toda especial na minha exploração etnográfica de Maputo.

Nesse meio tempo, a minha amiga professora já havia pensado uma agenda de encontros entre mim e outros professores colegas dela. Passei quase todo o mês conhecendo essas pessoas. Quase todas me receberiam em seus escritórios, que eram localizados na principal universidade da capital e do país, a Eduardo Mondlane, lá chamada simplesmente de UEM, onde quase sempre as conversas começavam e se encerrava. Houve duas exceções nessa rotina de “entrevistas”. A primeira foi com uma professora que do escritório gentilmente me levou para conhecer a casa dela num bairro ao lado da universidade. Lá conheci os empregados e os familiares dela. A filha mais velha dela foi uma das pessoas que me levou para conhecer alguns lugares de Maputo. A outra exceção foi o encontro com uma professora reformada, que lá quer dizer aposentada. Uma figura encantadora, que só conheci nos meus últimos dias em Maputo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Nossa conversa foi num tradicional café no centro, onde ela demonstrou muito interesse pela minha etnografia e de quebra me apresentou uma síntese dos principais trabalhos dela até então, que acabaram por me servir de inspiração. Era uma dose de ânimo, que já me faltava no fim da viagem.

Antes da viagem, uma amiga minha que estuda em Paris havia falado de mim para um colega moçambicano dela que também estava estudando lá. Ele prontamente me enviou lá da França aqui para o Brasil algumas revistas sobre Moçambique. Quando cheguei em Maputo, tinha em mãos o contato dele e depois de quinze dias lá, eu resolvi escrever uma mensagem para ele, pela qual o solicitava a me convidar para conhecer pessoas e lugares de Maputo. Fui prontamente atendida. A atenção dispensada a mim foi como se eu fosse uma velha amiga. Conheci a família dele toda: esposa, filhos, pais, todos. Também conheci a cidade onde mora, Matola, e a cidade onde moram os pais dele, Xai-Xai.

Foram esses quatro círculos distintos de pessoas que povoaram meu outono moçambicano e que de um jeito ou de outro trouxeram a mim um pouco da Moçambique de cada um deles. A partir de agora, esmiuçarei um pouco mais da minha vivência ali com eles. Naturalmente, só reconstituo alguns traços daquilo que vi e vivi, mas que a mim me deram o que pensar. Julgo ser melhor apresentar os círculos na seguinte ordem: primeiro, o da minha senhoria, em seguida, o da empregada dela, depois, o da minha amiga professora e, por fim, o do colega da minha amiga.

A minha senhoria

Passei boa parte do meu tempo lá com a minha senhoria e com pessoas que ela me apresentou. As minhas saídas para desbravar a cidade terminavam quase sempre ao entardecer. Quando elas se estendiam até o fim de noite, eu sempre estava acompanhada por alguém. Sendo assim, do retorno para o apartamento até a hora de ir me deitar, ficava ali vendo televisão com minha senhoria, por vezes, acompanhadas por um ou alguns amigos dela, que com frequência vinham fechar o dia em conversas animadas com ela.

Esse círculo foi se revelando um misto de grupo estatutário e de grupo familiar. Alguns eram amigos apenas, outros eram amigos que haviam se conhecido no lugar de trabalho, as universidades de Maputo. Quase todos com a mesma faixa etária. Quase todos eram



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

portugueses. Havia também um brasileiro e uma sul africana. Com eles, conheci bares, espetáculos musicais, restaurantes e as casas de alguns deles.

O convívio freqüente com estrangeiros, sempre hospedando acadêmicos de fora, calejaram a minha senhoria, que pouco me falava dos costumes de lá e que sempre desconfiava das minhas perguntas. Essa desconfiança habitual para comigo foi algo com que tive de conviver o tempo todo. O fato de eu dizer que estava ali só para conhecer soava vago para os que queriam saber das minhas intenções. Além disso, eu me apresentava como antropólogo, profissional que só depois vim a saber que não era visto com bons olhos lá.

Apesar de ser estrangeira como a maioria deles e falar a mesma língua, eu era brasileira e meu modo de falar não era apreciado nesse círculo. Na verdade, alguma chacota com o meu “brasileiro” passou a ser recorrente nos encontros com eles. De um modo meio inesperado, os textos em blogs e as cartas em jornais que havia lido e que reclamavam da “invasão brasileira” em Moçambique ganhavam cara nesse círculo. Mais que uma defesa dos costumes moçambicanos, havia ali uma valorização dos costumes lusitanos, propriamente portugueses. Era por isso que num grupo de portugueses e moçambicanos eu, a brasileira, havia sido escolhida como alvo preferencial do polemismo que perpassava nossas reuniões. O outro brasileiro não prestava atenção nisso, quase sempre cochilando: ótima estratégia para sair de foco.

Nos primeiros dias ali, já vi que uma etnografia a respeito da telenovela estava fora de cogitação. Quase toda noite, eu e minha senhoria assistíamos tevê, mas no cardápio estavam os seriados americanos, muitos dos quais eu acompanhava aqui no Brasil. Forçando um pouco a barra, a questioneei sobre as telenovelas. Ela sabia muito das novelas, digamos, clássicas, sobretudo, as que foram ao ar durante os oitenta e os noventa. Um dia ela me disse que o hábito acabou quando ela cansou do ato de “seguir a novela”, disposição necessária para qualquer audiência de telenovelas. Mas vimos muita televisão. Em nenhum outro círculo consegui assistir televisão ou ver alguém fazendo isso. O que eu julgava ser fácil se tornou uma utopia. Ainda assim, foi a com a irmã da minha senhoria que consegui flagrar alguém vendo telenovelas. Era uma consumidora inveterada de folhetins. Pulava de canal à caça de novelas, na Record e na Globo. Ela acompanhava todas: as que passavam durante o dia e as que passavam durante a noite. Mas esse episódio ocorreu no finalzinho da viagem. Definitivamente, a telenovela e a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

televisão tinham ali um peso menor, muito menor, do que eu esperava. Enquanto isso, eu me defrontava com outras práticas instigantes.

Além do polemismo, quase sempre centrado no Brasil e no forasteiro, esse círculo era um voraz consumidor de música, especialmente as brasileiras. Muito Chico Buarque, que, segundo um deles (moçambicano), era um poeta de marca maior, que com tamanha sensibilidade para as coisas do mundo provava que a antropologia para nada servia. Era um ponto de respiro. Um dia sentei com ele na cozinha e com o netbook sobre a mesa, enquanto ele preparava o jantar, ouvíamos as músicas que ele me pedia, quase todas elas brasileiras. Com outros, fui a um centro cultural e a um teatro. Num, vi músicos moçambicanos que tocavam músicas brasileiras, no outro, músicos americanos que tocavam músicas americanas. Do que vi nos dois lugares, os ouvintes eram estrangeiros basicamente.

Ainda que o círculo fosse composto por muitos de fora, consumisse coisas de fora e confraternizasse com pessoas de fora, queria entender por que minha senhoria havia sido tão reticente comigo nos primeiros dias. Quando ficamos um pouco menos distantes, após muitas horas de televisão juntas, ela me presenteou com um momento pedagógico, que é um jeito discreto que outros também usaram para me ensinar os bons modos locais. Ela me contou a história de um almoço em que ela levou um estrangeiro, que para ela era brasileiro, por isso ela me contava, mas vi que ela não sabia a nacionalidade correta. Ela e o estrangeiro haviam comprado bebidas para levar na casa dos anfitriões. Encerrado o jantar, o estrangeira quis porque quis levar as bebidas que haviam levado. A despeito da insistência do acompanhante, a minha senhoria foi taxativa e fez com que as bebidas restantes ficassem lá. Além de explicar que lá o que era levado para a casa de alguém passava a ser algo da casa e para o dono da casa, ela também mostrava que bastava ao estrangeiro respeitar os modos moçambicanos para ser bem quisto por eles.

A empregada da minha senhoria

O divisor de águas da minha viagem começou com uma saída para fazer compras, logo nos primeiros dias lá. Fui acompanhada pela empregada da minha senhoria, que foi o guia. Bem desavisada disse o nome de um lugar que gostaria de ver e que queria comprar capulanas, um tecido estampado tradicional lá. Pensava que era algo logo ali no centro, mas entre um “chapa” e outro atinei que não tinha a menor idéia para onde eu



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

ia. Esse meio de transporte informal testava a adaptação à vida em Maputo desde a entrada no veículo, algo brutal, passando pela sobrevivência ao trajeto em que viajava espremida mesmo quando sentada, até o momento do desembarque que deve ser rápido para não ser arremessada pelo arranque do chapa. Com a ajuda da empregada da minha senhoria e depois com a filha dela, passei bem por boa parte dessas provas de destreza, mas, quando tive de mudar de lugar ao comando do cobrador, eu me esborrachei no corredor estreito no interior do veículo. Isso encerrou minha carreira como usuária de chapa.

Enfim, chegamos ao destino que havia indicado. Era o Xipamanine, um imenso mercado informal a céu aberto, numa área ampla de terra batida, apinhada de tendas, bancas e barracas improvisadas, divididas em corredores estreitos e tortos. Não era o que eu esperava. Mas fiquei embasbacada com o que via e ouvia. Era um candinho de Maputo, não distinguia as línguas, mas sabia que eram várias, além do português. Fiquei inibida, pois não dominava nenhuma das línguas fora o português. Qualquer conversa ali, com transeuntes e vendedores, só teria feitiço puramente comercial. Após um giro pelo mercado, a minha acompanhante quis saber o que eu queria comprar lá, respondi “capulanas”. O sorriso discreto dela me informou que eu estava totalmente perdida. Ali não se vendia isso. Fomos até uma rua próxima ao mercado e entramos numa loja pequena de capulanas.

Capitaneada por uma velha indiana, sentada à esquerda de um balcão que ladeava todo interior da loja, exceto a frente, a loja estocava uma variedade grande de capulanas estocadas nas estantes que escondiam as paredes do comércio. A empregada da minha senhoria me ensinava em ato a como comprar capulanas. Sacou de uma bainha a vareta que os clientes devem usar para apontar as capulanas que querem ver. Um dos balconistas, que não era indiano, alcançou uma a uma as capulanas que ela mirava e depois as que eu pedia para ela mirar. Com as capulanas amontoadas sobre o balcão, comecei a escolher as que me agradavam. Discretamente, ela me fazia observar as diferenças de tecido e não só olhar as estampas. Quanto melhor o tecido, mais caro era e mais próximo da velha indiana estava. Apesar da desenvoltura da empregada da minha senhoria nessa mecânica comercial, fiquei sabendo depois que ela raramente comprava capulana, pois era caro para ela. Uma capulana boa e bonita nessa loja não me custou mais que 200 meticais, algo em torno de 10 reais, ainda assim, era um “luxo” para ela.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A diligência com que ela me ajudava e me ensinava tinha a ver com o prazer que é fazer algo que gostamos, mas que não podemos fazer sempre. Eu pagaria, mas era ela quem comprava. O bazar se encerrou com uma compra final de três capulanas iguais, segundo ela, algo que ermanaria os presenteados e o presenteador. Uma era dela. De lá, fomos embora, rumo à casa dela, a qual eu já havia dito que gostaria de conhecer.

Não havíamos comido nada após almoço, então, jantamos na casa dela. Enquanto visita, fui servida primeiro por ela, que também serviu os familiares numa certa ordem. Ela se sentou no chão, sobre uma esteira, enquanto comia e conversava animadamente em Changana, coisa que só vim a saber mais tarde. Sentadas na esteira, estavam todas as mulheres e as crianças da família, que demandavam a atenção dela. No sofá estavam os homens, que ouviam músicas com o televisor e o tocador de dvd. Eles pouco falavam. Ali, enquanto comensal, vi que ela era uma variedade de matriarca e cuidava de toda a família, inclusive materialmente. Após ser paparicada com a melhor bebida da casa e ter meu prato servido generosamente com a iguaria do dia, quase sem sobrar para os outros comensais, voltei para casa, tendo como guia sua filha mais velha, uma menina de 13 anos.

Fui à casa dela ainda mais um vez, na qual se repetiu toda a etiqueta com o convidado. Uma das crianças quis saber por que eu não penteava o cabelo. Pergunta que muitos adultos provavelmente se faziam, mas não tinham a licença que toda criança tem para interpelar os adultos com uma franqueza sem igual. Após essa pequena lição da pequenina, um dos homens da casa elogiou minha postura “humilde”, sem a soberba de outros estrangeiros. Ele falava dos portugueses, que insistiam em usar “fatos” (ternos) e outros sinais de distinção, enquanto ele preferia usar roupas como as dos brasileiros e a ter uma postura como a que eu apresentava ali. Nesse círculo, nada ouvi contra os brasileiros ou meu jeito de falar.

A minha amiga professora

O círculo da minha amiga professora era formado por um grupo estatutário, todos professores ou ex-professores universitários. Depois de muito chamar todos que davam aulas de professores, ela uma, duas vezes fez a gentileza de me alertar que professores eram apenas aqueles que tinham o grau de doutor, os que não tinham eram tratados como doutores. Este último dispensado a todos que tinham formação superior. Apesar de o ambiente universitário ser mais que habitual para mim, o ambiente moçambicano



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

tinha suas próprias formalidades. As entrevistas com os professores colegas dela eram um desafio, já que me faltava traquejo para fazer render os encontros que ela me facultava e também por estar num momento de tatear Moçambique, logo, sem ter muito a oferecer em termos de proposição. Não tinha nada o que trocar, sobretudo, por cada vez mais me sentir distante da pauta de estudos vigente lá. O que era palatável aqui no Brasil, por exemplo, telenovelas, soava lá como algo insosso. Além do mais, minha cabeça não estava toda voltada para telenovelas.

A primeira professora que me recebeu gentilmente me levou para conhecer a casa dela. A filha dela foi a única pessoa desse círculo a se mostrar uma apreciadora das telenovelas brasileiras. Ela conhecia tudo sobre esses folhetins televisivos e tem muito interesse pela cultura brasileira, dizendo que os brasileiros têm muita criatividade. Apesar da sua pouca idade lembra com detalhes de novelas antigas (“clássicas”), como Roque Santeiro, novela que foi citada por outras pessoas com quem conversei como um tipo de novela que era bom e que já não se apresenta mais na televisão. Para ela o problema das telenovelas de hoje em dia é que os enredos ficaram muito repetitivos e já não traz tantas novidades.

O colega da minha amiga

O colega da minha amiga me inseriu na sua rotina. Fui com ele a uma reunião de trabalho, depois fomos a uma orientação a alunos na universidade que trabalha (Universidade Pedagógica, segunda mais importante do país) e, por fim, ainda acompanhei uma aula com seus alunos do primeiro ano do curso de Gestão Escolar. Quando eu disse que o meu método de trabalho era observação, ele procurou me ajudar ao máximo atingir minha finalidade. Fiquei muito impressionada com essa demonstração de comprometimento com um estranho. Até a minha partida para o Brasil, ele passou a ser figura central no desenrolar do meu trabalho. Ele me contactava diariamente para saber se eu precisava de algo.

Após vivenciar por um dia a rotina dele, ele me convidou para conhecer os familiares e amigos dele. Conheci os colegas de universidade e da igreja que frequenta. Entre os colegas de trabalho, ele tentou aliados para sua empreitada em ajudar-me no meu trabalho. Solicitou aos amigos que me apresentem-se pessoas para eu visitar, conhecer moradias, dinâmicas familiares. Interessante foi que todos concordaram em me receber em suas redes de relação, trocando contatos comigo para combinarmos a logística dos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

encontros. Escrevi para eles, mas nenhum deles respondeu. Mais tarde avaliei que seus questionamentos acerca dos reais objetivos da minha pesquisa era um vislumbre da desconfiança com que certamente fui rotulada.

Entre os colegas da igreja não houve tentativa de me inserir na rede de algum dos fiéis, mas participei de alguns eventos juntamente com o colega da minha amiga e sua família. Apesar de não ter sido inserida ali como antropóloga, senti bastante curiosidade por parte de alguns colegas da igreja a meu respeito. No total participei de dois eventos. O primeiro foi um grupo de oração na casa de uma das fiéis da igreja. O colega da minha amiga precisava buscar sua esposa nesse evento e fomos a seu encontro. Ao chegar lá, o evento ainda estava no início e fomos incorporados ao grupo sem haver questionamento se gostaríamos de nos juntar a elas (só tinham mulheres). O grupo havia se organizado em uma residência onde a família perdera o seu pai. A idéia era levar conforto para os familiares. Foi realizada a leitura da bíblia, depois foi entoado cânticos em Xitswa. Como não sabiam quem eu era, uma senhora ao meu lado ofereceu o seu hinário para que eu pudesse cantar. A sessão foi encerrado com orações. No final do evento, o colega da minha amiga apresentou-me as senhoras do grupo de oração e à sua esposa. A senhora do hinário logo disse que notara que eu era de fora, pois tinha “ares” de estrangeira. Tentei forçá-la a definir o que seria esse “ar” de estrangeirismo, mas ela não soube dizer por que eu não passaria por uma moçambicana. Eu achei estranho o seu comentário, pois no mercado Xipamanine um senhor pensou que eu fosse filha da empregada da minha senhoria.

O segundo evento foi uma festa de batizado de uma menina de sete anos de idade. O colega da minha amiga havia me convidado para almoçar um domingo na casa dele, mas durante a semana surgiu esse compromisso familiar e religioso. Eu insisti que não queria atrapalhar a sua rotina, então ele me convidou para participar da festa. Ele disse-me por fim, que acabaria sendo uma boa oportunidade para eu ver como as famílias se organizam para essas comemorações.

O colega da minha amiga disse-me que no regimento da sua denominação religiosa não há obrigatoriedade de se comemorar o batizado, entretanto, para os moçambicanos, segundo ele, as festas são importantes e para tudo faz-se uma comemoração.

A família da batizada, assim como o restante da irmandade da igreja, é moradora de um bairro periférico de Maputo. Inclusive a igreja também fica no bairro e ainda está em



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

processo de construção. O colega da minha amiga é um caso interessante de trajetória em ascensão social. Filho de funcionários públicos de uma pequena cidade da província de Gaza, chamada Xai-Xai, ele professor de uma grande universidade do país, circula entre a periferia e o estrato médio da cidade de Maputo.

Fruto de algum tempo de economia, a festa de batizado foi marcada por uma série de etapas e etiqueta. Havia lugares destinados aos diferentes grupos de convidados. De um lado sentou os familiares e de outro os amigos da igreja. No centro da sala, em bancos improvisados, sentaram as crianças e alguns adultos, que não sei bem qual era a relação com a família. Eu acabei ficando junto com a família do colega da minha amiga, constrangida por estar ocupando o lugar de alguém de fato convidado. Durante a cerimônia houve orações, canções e palavras de apoio a batizada e aos familiares. Tudo muito feito de forma séria e formal. Após o almoço foi servido e junto com ele deu-se início as brincadeiras e descontração através das canções entoada pelas mulheres nas línguas locais. Em geral, essas músicas, segundo uma das fiéis que estava ao meu lado, retratavam situações engraçadas pelas quais passam as mulheres. Achei curioso o motivo dos homens não participarem do coro, mas a senhora ao meu lado disse-me que em geral os homens não gostam de cantar.

Antes de voltar para o Brasil, ainda tive a oportunidade de conhecer os pais do colega da minha amiga em Xai-Xai. Esses faziam 40 anos de casamento e os filhos iriam se reunir no dia para fazer uma festa surpresa para o casal.

Chegando lá, nos reunimos na casa de um dos filhos e de lá partimos todos para a casa dos pais. Eu fiquei bastante constrangida de estar no meio de um evento tão importante para a família. O colega da minha amiga apresentou-me aos irmãos, cunhadas e sobrinhos. Todos demonstraram certa curiosidade pela minha pessoa, mas estavam todos ansiosos com a surpresa que faziam naquela noite. Ao chegarmos na casa dos pais, surpreendeu-me a preocupação dos filhos em que música deveriam cantar ao adentrar a casa com a festa surpresa. Gastaram nesse exercício pelo menos uns 20 minutos, todos em pé do lado de fora do portão da casa dos pais.

Quando enfim decidiram, alguém puxou a música e todos adentraram a casa, cantando e dançando em língua local. Os pais ficaram assustados de início, mas logo baixou a emoção e dava para notar a felicidade estampada em seus rostos. A única que não demonstrou muito contentamento no início foi a avó, mãe do pai que mora no mesmo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

terreno. Ela esbravejou na língua local, gastou alguns minutos falando duramente, pelo que soube depois, com os netos, que quebraram as regras de etiqueta em não a avisando da tal surpresa para que ela pudesse também dar a sua contribuição.

O meu constrangimento acabou quando o colega da minha amiga apresentou-me aos presentes na festa. Eu já sentia que os olhares curiosos me seguiam. Os seus pais ficaram muito felizes, em suas palavras, com uma visita brasileira em sua festa de comemoração de 40 anos de casamento. Nesse momento, a mãe dele pegou um copo que lhe fora presenteado na ocasião do casamento e disse que eu beberia o que fosse do meu agrado naquele copo. Assim como o filho, os pais deram-me o status da pessoa que deveria ser mais bem tratada da festa. Foi ao mesmo tempo constrangedor e lisonjeiro esse tratamento.

O interessante nessa visita é que apesar dessa excelente recepção e acolhida, no dia seguinte à festa o pai quis saber, assim como os colegas do trabalho do colega da minha amiga, o que exatamente eu estava fazendo em Moçambique, que tipo de estudos eu estava realizando. Na sequência, ele didaticamente me explicou todo processo histórico pelo qual tem passado o país, destacando como os portugueses, com o fim do colonialismo, deixaram Moçambique a sua própria sorte, levando tudo que eles tinham, inclusive os recursos humanos preparados para desenvolver uma nação.

Fonte

Caderno de campo, escrito por mim, entre os dias 30 de abril e 30 de maio de 2011, durante trabalho etnográfico exploratório em Maputo, Matola e Xai-Xai, em Moçambique.